

ASLAK NORE

O
CEMITÉRIO
DO MAR

Um *thriller* intenso envolto num segredo de guerra devastador que coloca Aslak Nore entre os melhores autores nórdicos de ficção policial



Nota do Autor

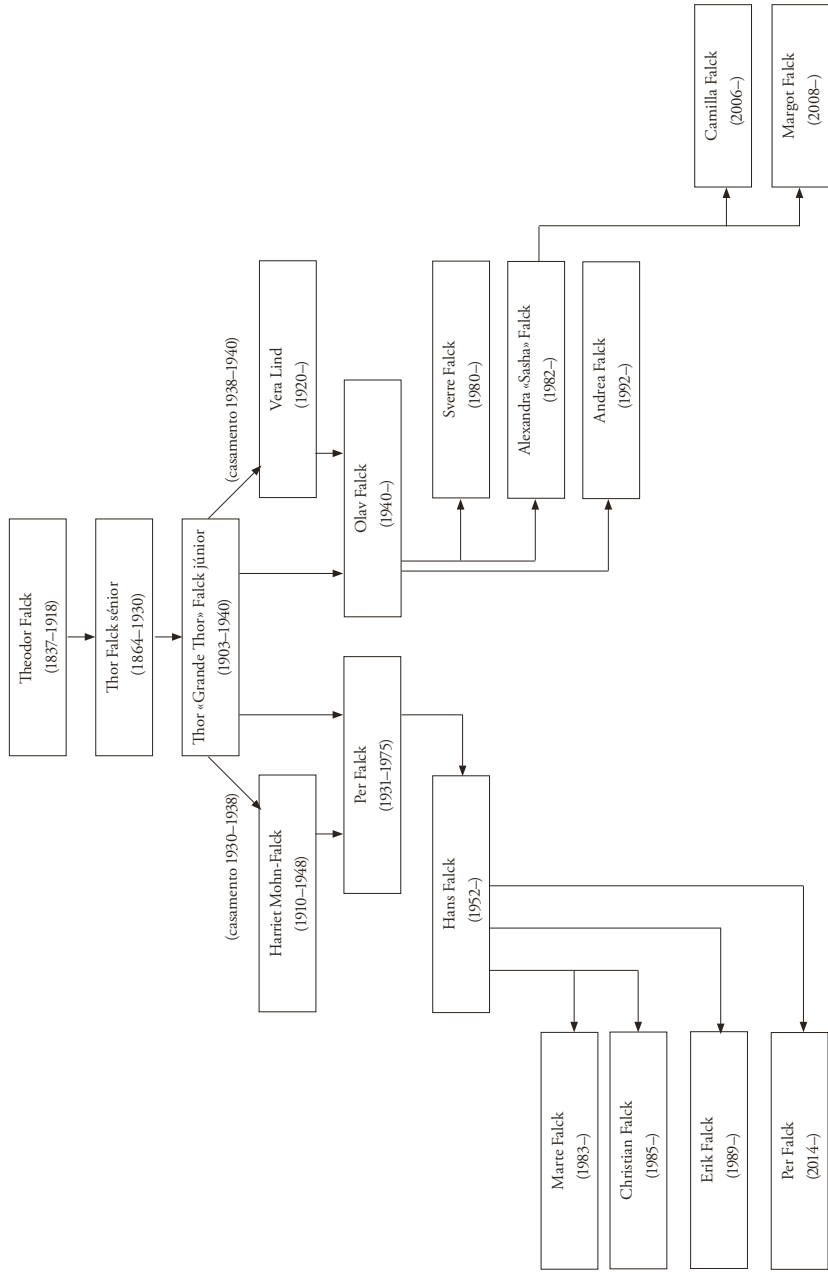
Esta é uma obra de ficção. Os locais, os acontecimentos e as pessoas referidos neste romance são fictícios; com algumas importantes exceções, que explico com mais minúcia na secção de agradecimentos. Os factos concernentes ao naufrágio do navio *DS Prinsesse Ragnhild* — um navio de transporte de passageiros ao longo da costa norueguesa —, a 23 de outubro de 1940, têm por base fontes documentais.

Estas fontes incluem as plantas do navio, a que tive acesso no Hurtigrutemuseet, em Stokmarknes, graças a uma pessoa muito prestativa. A apresentação do caso tem também por base as declarações prestadas no Tribunal de Salten, com particular relevo para o testemunho do capitão Knut Indergård, de Batnfjordsøra, que até agora se manteve desconhecido do público geral. Tive conhecimento da sua história por intermédio da Sociedade de História Marítima Norueguesa de Nordmøre, e o seu relato traz uma nova perspetiva sobre o que aconteceu.

Juntamente com a tripulação — o imediato Petter Søholt, de Molde, o maquinista Johan Brevik, de Smøland, o assistente de maquinista Hans Lie, de Kristiansund, e o despenseiro Oskar Mortensen —, Indergård realizou uma das maiores missões de salvamento na Noruega durante a Segunda Guerra Mundial sem que tenha por isso recebido qualquer reconhecimento.

Dedico este livro à heroica tripulação do navio de carga *MK Batnfjord*, que nesse dia resgatou mais de cento e quarenta noruegueses e soldados alemães do oceano Ártico, e a todos aqueles que não conseguiram salvar e que, por conseguinte, estão sepultados no cemitério do mar.

↔ ÁRVORE GENEALÓGICA ↔



Prólogo

Dagens Næringsliv. 4 de agosto de 2006

O Médico Que Salva Vidas

Hans Falck salvou milhares de vidas humanas. Mas há sempre um senão, e Falck já se esqueceu muitas vezes do aniversário dos próprios filhos.

Por John O. Berg

Líbano, setembro de 1982. Um jovem médico atravessa, envolto na escuridão, o campo de refugiados de Chatila, em Beirute. Na mão carrega um grande saco vermelho de primeiros socorros. No outro braço transporta uma criança embrulhada num cobertor.

Hans Falck constata o cheiro a pólvora e a excrementos, um fedor que sentirá por muitas vezes nas décadas que se seguirão, e que lhe recordará sempre aquela noite em Chatila. A noite em que uma milícia de falangistas cristãos entra no campo de refugiados com o pretexto de encontrar militantes palestinos que ali se terão escondido. Está em curso uma carnificina, e os falangistas não poupam ninguém. À sua volta ouvem-se vozes entrecortadas, gritos e rajadas de metralhadora.

Um míssil atravessa o céu e os edifícios iluminam-se com uma mescla irreal de tons prateados. Hans detém-se. Entre as pilhas de lixo, rações de combate e garrafas de aguardente, jazem os mortos: homens ainda jovens com os órgãos sexuais mutilados, grávidas com as barrigas abertas, crianças, bebês. À esquerda do seu campo de visão, a cerca de vinte metros de distância, vê um grupo de mulheres que abraçam com força os filhos, todos eles com pequenos orifícios de bala na testa. As pessoas são executadas com disparos a curta distância.

O míssil afasta-se e a luz apaga-se como quando se desliga um interruptor. Vislumbra, junto à saída sul do campo de refugiados,

as silhuetas dos edifícios baixos que foram destruídos, e atrás do muro de cimento está um círculo de milicianos.

Ouve então o choro baixo e penetrante do bebé. Abriga-se atrás de um caixote do lixo e ajoelha-se para tentar embalar o recém-nascido.

Será que alguém o vê? Não, está escondido.

Tem de fazer alguma coisa, ou vão tirar-lhe o bebé. Abre o fecho de correr do saco de primeiros socorros. Tira-lhe de dentro os frascos de plástico com soro e álcool, juntamente com uma maca desdobrável, que se encontra no fundo e ocupa demasiado espaço, e também os cateteres, os estetoscópios e os medidores de pressão arterial. Todos esses aparelhos têm rebordos afiados que podem ferir a cabeça do bebé.

Tem num bolso lateral uma garrafa de *whisky Johnnie Walker, Black Label*. Uma oferta dos líderes palestinos com quem travou conhecimento. Sabe-o sem que ninguém lho tenha dito: estão todos mortos.

Abre a garrafa e enfia a ponta do dedo no gargalo. Depois, dá o *whisky* a cheirar ao bebé, antes de lhe enfiar o dedo na boquinha. O bebé suga-lhe a ponta do dedo com a força inexplicável de um recém-nascido. A criança choraminga antes de se calar. Hans prepara cuidadosamente uma cama com cobertores e mantas no fundo do saco, antes de aí pousar o corpo minúsculo, que logo trata de cobrir com gazes e compressas leves. Depois, corre novamente o fecho do saco.

Hans Falck pega no saco e começa a caminhar em direção aos milicianos. Hans é já nessa altura conhecido pelo seu charme, e, segundo um colega, é capaz de «seduzir toda a gente, de funcionárias das finanças a políticos das altas esferas e mulheres de nicabe». Naquela noite aterradora em 1982, o Dr. Falck enfrenta a sua maior provação. Tem de salvar um bebé recém-nascido de um massacre em curso.

Líbano, verão de 2006. Passaram quase vinte e cinco anos desde que os massacres nos campos de refugiados palestinos abalaram o mundo. Desde então, muita água correu debaixo da ponte. Mas algumas coisas permanecem inalteradas: o Líbano está em guerra; e Hans Falck continua a ter o bronzeado natural, o passo ligeiro e o charme encantadoramente «ameninado» que tinha na difícil década de setenta, quando este filho de um armador naval de Bergen seduzia operárias

e afirmava que, após a revolução, levaria a cabo uma coletivização forçada das companhias de navegação do pai.

— Mas o tribunal teve muito com que se ocupar antes de chegarmos a esse ponto — diz Falck, que cumprimenta com um aceno de cabeça uma conhecida atriz palestina que dele se aproxima no bar do Mayflower, o lendário hotel em que se costuma alojar em Beirute.

— Chamamos-lhe simplesmente Hans *Sagr* — diz, corada, a jovem palestina. — Significa «falcão» em árabe.

Hans pede, é claro, um *Johnnie Walker* sem gelo, mas diz que «devíamos beber a aguardente da OLP».

— Façamos um brinde — diz ele, levantando o copo de cristal. — Aos vivos, aos mortos e aos oprimidos.

Ora aí está uma classe social a que ninguém poderá associar Hans. Pertence à poderosa família Falck, que durante todo o século xx desempenhou um papel central na vida social norueguesa, com as suas figuras de proa: armadores navais, filantropos e políticos. Ao seu avô «Grande Thor» Falck, um conhecido armador naval que morreu num naufrágio durante a guerra, foi inclusive atribuída, postumamente, a Cruz de Guerra com Espada por ter ajudado a organizar a resistência no litoral.

Desde então, a família Falck dividiu-se em dois ramos principais. Um deles é o ramo de Bergen, a que pertence Hans, que está sedado numa propriedade a sul de Fana. A má-língua alega ainda hoje que a falange de Bergen foi prejudicada aquando da partilha dos bens familiares. Devemos imaginar uma futura guerra de heranças entre os Falcks de Oslo e os de Bergen?

«Oh, não, garanto-lhe que é coisa que nunca irá acontecer», afirma Hans. «Como comunista, oponho-me por princípio às heranças. Nada reforça tanto a desigualdade. Além disso», diz ele com um sorriso, «o facto de termos perdido todos os nossos bens é a nossa *vantagem*. É a nossa sorte. O problema com os ricos é que passam a vida com medo de que um dia lhes tirem tudo. Só se é livre quando se perde tudo.»

Não se pode dizer o mesmo sobre o outro ramo da família, a denominada falange de Oslo do império Falck. Olav Falck, tio de Hans, foi ministro da Defesa e é diretor do influente grupo SAGA, com sede em Rederhaugen, nos arrabaldes da capital. É um empresário reservado que evita a comunicação social e cuja fortuna está avaliada em dez mil

milhões de coroas. Não há, no entanto, como calcular o valor do seu poder de influência — não tem preço.

Estaremos aqui perante mais um exemplo da luta clássica, tão típica da história norueguesa, entre a cultura de empreendedorismo da costa ocidental e a elite administrativa de Oslo?

«Nós, de Bergen, não queremos saber da capital para nada», diz Hans, rindo-se. «Dito de outra forma: quando apanho um voo para a Europa ou para o Médio Oriente, nunca faço escala em Oslo, a menos que seja mesmo obrigado a isso.»

Regionalista fervoroso e amante de Bergen, idealista e radical de esquerda — membro da «esquerda caviar». Podemos atribuir muitas características a Hans Falck. Responde-nos invariavelmente com um sorriso confiante, seja qual for o tema de conversa. Tem sempre uma resposta debaixo da língua. Mas, de acordo com quem o conhece, Hans é uma verdadeira matriosca: a cada camada que se retira, surge à vista uma nova versão. Trata por tu meio Médio Oriente e fala tanto com políticos de topo quanto com taxistas na Rua de Hamra, mas é um mistério para os que lhe são mais próximos. O homem com as gargalhadas contagiantes que ecoam no átrio viu mais sofrimento do que qualquer outro norueguês da sua geração e, no entanto, parece que isso não o afetou minimamente. O médico reconhecido muito para lá dos círculos profissionais da sua área, por ter salvado milhares de órfãos nas piores áreas de conflito do mundo, esqueceu-se mais do que uma vez do aniversário dos seus próprios filhos. O feminista que caminha na dianteira da marcha do 8 de Março enganou, sem qualquer hesitação, todas as suas mulheres. Mas Hans Falck tem, também para isto, uma resposta pronta: «Parafraseando Hemingway: gosto dos comunistas quando são médicos, mas odeio-os quando são padres. Sou apenas um ser humano falível, com defeitos, como todos os outros.»

Não há nada que o faça perder a razão? Sim, na verdade, há.

Para isso, basta perguntar a Hans Falck se de facto amou alguém além dos oprimidos do mundo e do seu próprio reflexo. Desvia pela primeira vez o olhar e mexe-se na cadeira. Não responde diretamente; mas talvez dê assim, de certo modo, uma resposta.

Líbano, setembro de 1982. Os milicianos tresandam a álcool a vários metros de distância. Ou talvez seja o cheiro da morte, pensa Hans. Os jovens de olhar perdido e rosto coberto por um lenço apontam-lhe as armas. Atrás dele, ouvem-se várias rajadas de disparos, gritos perdidos, e segue-se o silêncio.

— Estamos a realizar uma operação contra os terroristas palestinos — diz um tenente. — Como estrangeiro, foi-lhe dada a oportunidade de abandonar o campo de refugiados antes de a operação começar. — O falangista acende um cigarro. — O facto de não ter aproveitado a oportunidade indica que pertence aos grupos militantes.

Um dos soldados mais jovens — devem ser adolescentes — agarra com ímpeto a arma e dá um passo ameaçador em frente.

— Estive a ajudar num parto — responde Hans.

— Os bebés de hoje são os terroristas de amanhã — diz o tenente, como se cuspiasse as palavras. — Onde está a criança?

Hans apercebe-se de que está a transpirar tanto nas palmas das mãos que não tarda a deixar cair o saco. Se o bebé soltar um gemido ou lhe revistarem o saco, morrem os dois.

— Não sei — responde Hans. — A última coisa que vi foi a maternidade ser tomada de assalto.

— De que país é?

— Da Noruega... um país cristão... amigo de Israel... ligações próximas.

O tenente torce a boca num sorriso desdenhoso e troca algumas palavras com um dos companheiros. Depois, acena com a cabeça a Hans.

— Pode ir embora.

Hans contém um suspiro de alívio.

— Depois de revistarmos o saco.

E agora, o que fazer? Hans pousa cuidadosamente o saco no chão. Abre gentilmente o fecho de correr. Os milicianos debruçam-se sobre ele. O bebé tem o rosto escondido, mas Hans vê o cobertor mexer-se um pouco; ainda respira.

Será que os outros também o veem?

Hans pega na garrafa de *Johnnie Walker* e apresenta-a ao tenente.

— Precisam mais de álcool do que eu — diz ele.

Os libaneses apreciam a delicadeza. Por sorte, ninguém suspeita do saco. O oficial apropria-se de imediato da garrafa.

— *Get lost* — diz ele.

As mãos tremem-lhe tanto que não consegue correr o fecho, e, zozno e como que anestesiado, avança entre os falangistas libaneses rumo à liberdade, e reconforta-o pensar que, se dispararem agora, dispararão uns sobre os outros. Hans Falck regressa de carro ao hotel — ao mesmo hotel onde, vinte e cinco anos depois, se senta num sofá Chesterfield castanho-escuro. O seu rosto confiante ensombra-se por um momento.

— O que aconteceu à criança?

— Entreguei-a aos cuidados de outra pessoa. Prometi à mãe nunca revelar a sua identidade, e é uma promessa que pretendo cumprir. Mas espero que a criança tenha tido uma vida melhor do que a dela.

PARTE 1

STUPET

1

A avó paterna predizia há muitos anos que o património da família desapareceria muitos antes de ela morrer. Ninguém sabia ao certo o que queria dizer com isso — se se afirmava, deste modo, imortal, ou se estaria a lançar uma maldição aos descendentes. Vera Lind não era escritora à toa, mas, de todas as histórias que já contara, nenhuma assustava mais Sasha.

Sasha era a alcunha de Alexandra Falck, o seu nome verdadeiro, e fora a avó que insistira em chamá-la *Sasha*, ou *Sashenka* — pequena Sasha — quando ela era pequena, em honra de um bisavô russo de quem ninguém nunca sequer vira uma fotografia.

Incapaz de pregar olho, levantou-se cedo e vestiu uma camisola de gola alta azul-marinho e um *blazer* de *tweed*. Quando perante tarefas desagradáveis, era importante usar uma indumentária formal. Na véspera, descobrira que um dos estagiários que trabalhava no arquivo de que era diretora acedera ao relatório anual da fundação de 1970. Tratava-se de uma quebra do acordo de confidencialidade que ele havia assinado, e ela não encarava com displicência as quebras de contratos.

A indiscrição do auxiliar era por si só muito desagradável, mas tratava-se sobretudo de um sintoma. Sentia-o no ar, como quando a atmosfera se altera na mudança de estação do ano: histórias há muito escondidas estavam prestes a vir à superfície.

O que é que a avó pretendia dizer ao certo quando afirmara que a verdade entrava em conflito com a lealdade à família?

Sasha saiu da antiga casa de caseiro onde morava com a família. As filhas, ainda pequenas, estavam numa casa de campo com um casal de amigos. Mads encontrava-se na Ásia, numa viagem de trabalho. Logo no início da sua vida em conjunto, Mads insinuara que talvez fosse um pouco sufocante viver numa propriedade que alojava em simultâneo a sede da empresa da família e vários membros dessa mesma família. Sasha ficara furiosa, como quando alguém nos faz ver uma verdade óbvia acerca de algo que amamos.

Mudarem de casa estava fora de questão.

Rederhaugen ficava a uma curta distância de barco da capital. Sasha seguiu pela alameda de tílias em direção ao largo. Durante a noite, a geada pálida colorira a paisagem. Uma rajada de vento gelado acariciou-lhe o rosto e trespassou-lhe o casaco. Estremeceu.

Embora tivesse vivido ali toda a vida, sentia-se ainda arrebatada por um misto de devoção e amor àquele lugar. Era o seu mundo. A propriedade e a família eram uma só, um prolongamento dela. Os penedos gentis no lado ocidental, onde tomava banho em criança, os atracadouros e as casas de barco no largo a sul, os relvados bem cuidados que adquiriam um tom verde-esmeralda no verão e davam lugar à densa floresta de coníferas, que terminava abruptamente no lado oriental, onde se situava o gabinete de escrita de Vera — tudo isto fazia parte da sua própria essência.

Da fonte seca no largo, seguiu por um caminho de gravilha até um edifício branco-ovo de três andares, que, por estar situado no alto de uma colina coberta de erva, tinha uma vista privilegiada sobre a propriedade. O edifício tinha colunatas, janelas de sacada, varandas de ferro forjado com ornamentações rendilhadas e uma torre acastelada, redonda, com canhoneiras no topo.

Era, por natureza, conservadora. As mudanças aterrorizavam-na, e enfrentava-as contrafeita. Durante uma discussão, Mads afirmara que uma pessoa com os seus antecedentes — um dia, Sasha e os seus dois irmãos herdariam aquela que era talvez a mais bonita propriedade privada do país, um grupo empresarial no valor de milhares de milhões e uma fundação humanitária — tinha pouco a ganhar com tumultos revolucionários. Isto era decerto verdade, mas o seu conservadorismo revelava-se ainda mais profundo: na hora do aperto, só a família importava.

Para Sasha, a lealdade aos parentes estava acima de tudo, e quando as figuras mais poderosas da família entravam em conflito — a avó e o seu pai, um homem dominador, moravam, por exemplo, há meio século na mesma propriedade sem praticamente se falarem —, ela via como sua missão encontrar o equilíbrio entre os extremos.

Entrou no átrio abobadado nas traseiras do edifício principal. Daí, prosseguiu para a biblioteca, onde tinha o seu escritório. Na sua caixa

de correio estava um postal enviado do Hotel Finse 1222: *Não te esqueças do passeio a Hardangerjøkulen. Amo-te. M.*

Estas pequenas surpresas eram típicas de Mads. Sentiu uma enorme ternura quando pensou que ele se dera ao trabalho de encontrar um postal no Hotel Finse e de lho enviar antes de partir em viagem. Quando era mais nova, teria certamente desvalorizado esta surpresa, encarando-a como uma tentativa cínica de a impressionar. Agora, achava que era uma demonstração de amor.

Sentou-se na sua cadeira *Eames* castanha.

Como diretora do museu da Fundação SAGA, era responsável pelos funcionários do quadro e os estagiários de doutoramento. Abriu a agenda. *Reunião: 8h00-08h10.* Sasha olhou para o relógio. Faltava um quarto de hora. Franziu o sobrolho.

No último ano, tratara dos preparativos para um ambicioso projeto colaborativo com o arquivo militar alemão de Freiburg, o Abteilung Militärarchiv. Quando falava sobre o projeto a pessoas que a ele não estavam ligadas, recebia amiúde olhares desinteressados. Ninguém achava os arquivos *sexy*, mas era para o lado que ela dormia melhor. Para ela era como se a própria história se desse a ver naquelas cartas e nos breves telegramas que ajudava a estudar e conservar. Tratava-se de um trabalho de limpeza que se lhe adequava na perfeição. A sua avó costumava afirmar que a História era tão pouco objetiva quanto um romance, mas tratava-se apenas de mais um dos seus muitos exageros.

A cooperação com os arquivos alemães tinha como objetivo recolher informação acerca dos muitos milhares de soldados alemães que tinham estado estacionados em território norueguês durante a guerra. No sistema eletrónico, os parentes, os historiadores e outros interessados podiam pesquisar nomes, números de certidão de óbito ou quejandos, e obter acesso às informações existentes. Os desafios logísticos eram enormes, mas o seu pai almejava acima de tudo tornar a fundação mais conhecida na Alemanha.

Bateram à porta uma, duas vezes, mas ela só respondeu às 8 horas em ponto.

— Sim?

O estagiário Sindre Tollefsen entrou à cautela no escritório. Tinha as roupas encorrihadas, e as rugas na testa chegavam-lhe à linha do

cabelo desalinhado. Fitou-a com incerteza e um olhar simpático, mas um pouco evasivo. Podia ser da idade dela.

— Senta-te — disse Sasha, e ele assim fez. Pensou em todas as pessoas que o pai tivera de despedir.

Como é que ele o fazia com tanto à-vontade, se para ela se tratava de uma tarefa tão desagradável?

— Como sabes — disse, pigarreando —, a Fundação SAGA estabeleceu há muito tempo um protocolo com a universidade, através da qual os bolseiros têm oportunidade de aceder aos nossos arquivos durante o doutoramento. É um protocolo baseado na confiança mútua. Contribuíste bastante para escrever a história da guerra e foste um ativo importante no projeto de colaboração com os alemães.

Ele engoliu em seco, e a sua maçã de Adão contraiu-se. Sasha tinha-se mostrado muito entusiasmada com o projeto de doutoramento de Tollefsen, que investigava a história do movimento de resistência anti-nazi nas Forças Armadas do Terceiro Reich em território norueguês. Pretendia estudar e apresentar uma história completamente desconhecida do público, que se centrava em dois suboficiais alemães que tinham sido executados em Kristiansand no fim da guerra. Este projeto poderia fazer deslocar a investigação.

— Mas realçamos que exigimos sempre, como pré-requisito — continuou Sasha —, do qual tomaste conhecimento quando assinaste um contrato para teres acesso aos nossos arquivos, que se mantenha o dever de confidencialidade em relação aos soldados alemães e no que diz respeito à SAGA e aos nossos assuntos familiares.

O bolseiro só então pareceu compreender a gravidade da situação.

— Como é que sabe...?

— Não posso entrar em pormenores sobre os nossos procedimentos internos de segurança — respondeu ela.

Na verdade, utilizavam um sistema que o diretor de segurança de Rederhaugen criara com base num modelo do sistema de registos na saúde pública, onde se conseguia ver quem acedia aos arquivos e em que local. Na véspera, depois de uma conversa desagradável com Vera, Sasha abriu alguns documentos digitalizados e encontrara o nome de utilizador do bolseiro no registo de início de sessão. Não gostava que alguém de fora se imiscuisse nos assuntos da família. Nisso era muito parecida com o pai.

— Acedeste aos relatórios anuais da direção da SAGA de 1969 e 1970 — disse ela. — São assuntos internos completamente irrelevantes para a tua investigação ou para o público.

— Irrelevantes para o público! — retorquiu o bolseiro, elevando a voz.

— Sim — disse Sasha. — Como talvez saibas, a nossa família é muito discreta nos contactos com a comunicação social. Nunca leste reportagens sobre o que se passa em nossa casa, e nunca as há de ler. A lealdade e a discrição são as nossas principais características.

Ela batucou com uma esferográfica no tampo de couro da secretária.

— No entanto, abusaste da confiança que depositámos em ti, e é por isso que vais perder de imediato o teu cargo aqui connosco, e o respetivo acesso aos arquivos.

O lábio inferior do bolseiro tremeu.

— Está a despedir-me?

Ela anuiu com um aceno de cabeça.

— Lamento.

Ao contrário do que ela esperava, ele não se levantou; ao invés, continuou sentado, mudo e com um sorriso retorcido.

— Sabe porque é que li os dois relatórios anuais?

— Não, nem quero saber.

— Porque a história da Vera Lind tem também que ver com o tema da minha investigação. Tem que ver com a história falsa que sempre contaram acerca de vocês próprios.

Ela respirou fundo e resistiu à tentação de responder do mesmo modo.

— A nossa reunião acabou — disse ela laconicamente, apontando para a porta.

O bolseiro virou-lhe costas e dirigiu-se à porta, onde parou para a interpelar.

— Nunca pensei que fosse como os outros, Sasha Falck. Mas é pelo menos tão covarde quanto eles. Ou até pior. Não quero trabalhar para uma fundação que tem a verdade como máxima, mas que favorece o seu oposto. Pergunte à sua avó o que aconteceu de facto na Fundação SAGA em 1970.

Em seguida, saiu e bateu com a porta.

*

Sasha olhou para o teto. Vera, de novo. Verdade e lealdade? 1970? Em linha com o seu caráter — cordial e diplomática segundo a sua opinião, humilde e avessa a conflitos com os irmãos —, Sasha costumava visitar semanalmente a avó no seu escritório no Stupet.

Estivera lá na véspera.

Como sempre, Sasha levara-lhe pastéis frescos e, como sempre, a sua avó oferecera-lhe um copo de vinho tinto e um cigarro enquanto Sasha lia em voz alta um capítulo de um dos romances favoritos de Vera. Até aí, tudo decorrera como habitualmente, mas depois a conversa seguira outro rumo.

— Mais para o final do ano, a família vai celebrar os setenta e cinco anos do naufrágio — dissera, com gentileza, Sasha. — Vamos fretar um navio para irmos ao local do afundamento.

A avó virara-se lentamente para ela.

— Preciso de outro cigarro, Sashenka.

— Pensei que gostarias de vir connosco — continuara Sasha. — E talvez possas também contar-nos o que aconteceu, de facto.

— Contar o que aconteceu?

— Nunca disseste nada.

Era talvez típico da geração da sua avó não mencionar os traumas por que passavam. No naufrágio, perdera o marido, e por pouco não lhe morrera também o filho recém-nascido.

— Oh, seria bom para mim, sem dúvida. Um alívio — dissera Vera. — Mas não tenho tanta certeza de que vocês fossem gostar do que tenho para dizer.

— Claro que iríamos gostar. A guerra já acabou há muito, aguentamos a verdade.

A avó observara-a, por muito tempo, por entre o fumo do cigarro.

— *Aguentamos...* — dissera ela, abanando a cabeça. — Foste sempre leal para com a família, Sashenka. Isso é bom. Mas, às vezes, a lealdade à família opõe-se à procura da verdade. Garanto-te que não vou embarcar em nenhum navio fretado, dissestes ter a certeza. Queres ouvir o que tenho a dizer?

Sasha anuíra com um aceno de cabeça.

— Nesse caso, tens de te preparar para a possibilidade de tudo desabar.

— Nesse caso, também preciso de um cigarro.

Vera não dissera mais nada, mas, quando Sasha se preparava para se ir embora, pedira à neta que chamasse um táxi e a levasse até ao largo, atravessando com ela a floresta.

— Mas tu agora nunca sais de casa, avó — dissera ela.

— Pois é, mas vou sair agora, minha querida Sashenka — retorquira a avó com uma voz um tanto rancorosa. — E ainda não estou incapacitada nem preciso de tutores!

Sasha tivera de engolir em seco, porque não estava habituada a que Vera a pusesse no seu lugar naqueles termos. E remoera o assunto pelo resto do dia.

Não sabia onde Vera tinha ido após a conversa da véspera, mas estava na hora de o descobrir.

Diante da entrada, deparou com *Jazz*, o cão de guarda. Quando viu Sasha, o cão levantou-se sobre as patas traseiras.

— O que se passa? — murmurou ela, afagando o cão atrás das orelhas.

Jazz ladrou impacientemente. Era um pastor-belga-malinois, com uma comprida máscara preta no focinho e pelagem castanho-café, como um pastor-alemão, embora com pelo mais curto, um corpo mais leve e costas mais retas do que os seus parentes alemães. *Jazz* era amoroso como um cachorro e corajoso como um lobo. Podiam treiná-lo para fazer fosse o que fosse. Trepava a árvores como um gato. Quando tinham de proteger presidentes e capturar terroristas, um *malinois* seguia sempre na dianteira.

Sasha correu atrás do cão até ao mato. Conhecia todas as raízes e pedregulhos do caminho, tinha toda a geografia da propriedade como que inscrita no corpo: primeiro, um trilho escuro e macio coberto de caruma atravessava uma secção do pinhal, subia por uma pequena encosta onde as águas corriam em abundância quando chovia, e passava depois por um troço coberto de raízes retorcidas, que rodeavam um pequeno lago coberto de nenúfares, para depois continuar por entre duas fragas em forma de machado, formando estas um desfiladeiro. Quando eram crianças, estavam, é claro, proibidos de ir à Floresta do Diabo.

De repente, a paisagem abriu-se e a vegetação terminou abruptamente numa íngreme fortificação natural, com a casa de madeira da avó a poucos metros à esquerda.

Sentiu uma pequena brisa, e as vertigens fizeram-na estremecer. *Jazz* saltitou até ao varandim em frente da porta, ergueu-se sobre as patas traseiras e ladrou.

Sasha bateu cautelosamente à porta com a ferradura que servia de batente.

Ninguém respondeu.

— Avó?

Abriu a porta, que rangeu um pouco.

— Estás aí, avó?

Uma lufada de ar estagnado atingiu-a no rosto. Sasha olhou para as prateleiras apinhadas de livros sem atentar nos títulos inscritos nas lombadas. O soalho rangeu um pouco quando se dirigiu ao quarto. Abriu a porta. A cama tinha sido feita de lavado com uma coberta de renda sobre o edredão. Por cima da cama estava pendurada uma fotografia da avó e do pai recém-nascido; uma foto tirada no navio que viria a naufragar. Aquela imagem nunca deixava de a emocionar, porque a levava a acreditar que o mundo e o tempo estavam interligados.

Quando era mais nova, as pessoas idosas começavam por vezes a chorar quando a viam, porque era muito parecida com a avó. Ela própria tinha noção disso. O seu lábio superior descaía um pouco sobre as comissuras da boca, o que lhe conferia um traço naturalmente melancólico e aristocrático, que muitos interpretavam como arrogância. A sua pele pálida, cor de pérola e sem máculas contrastava com o cabelo, que, tal como o da avó, era castanho-acobreado. Também os olhos eram iguais aos da avó: emoldurados por maçãs do rosto proeminentes e sobranceiras escuras e espessas, os olhos inclinavam-se ligeiramente para cima a partir da cana do nariz. As duas íris azul-ciano cintilavam de modo cativante. Tinha trinta e poucos anos, «a idade em que as mulheres estão no auge da beleza», para citar o Dr. Hans Falck. Podia dizer-se muita coisa sobre o famoso sedutor e chauvinista de Bergen, mas aquele tio sabia da poda, sem dúvida.

Fechou cuidadosamente a porta do quarto e foi até à cozinha. Estava tudo limpo e arrumado. No frigorífico encontrou os produtos

que ela própria tinha comprado na véspera. Em seguida, abriu um armário por cima da bancada da cozinha.

Estava prestes a fechá-lo quando reparou em como a luz brilhava numa fiada de copos de pé alto que se encontrava na prateleira mais alta. Três deles estavam embaciados. Sasha pegou num deles e tocou-lhe com a ponta do dedo. Restavam ainda algumas gotas de água no copo e a borda estava húmida, como se tivessem acabado de o lavar. *Jazz* choramingou e encostou o pescoço forte à anca de Sasha.

Saiu. O cão correu em direção ao penhasco conhecido como Stupet antes de, quase travando bruscamente, dar meio passo ao lado, com o focinho para baixo, rente ao chão, como se quisesse assinalar alguma coisa.

Como o Stupet estava parcialmente coberto por carqueja e arbustos, era difícil ver ao certo o que escondia para lá dos seus contornos. Cerca de dez metros abaixo encontrava-se um pequeno escolho saliente, ligado à terra por uma estreita faixa de areia, seixos e caniços que permitiam atracar aí um barco em maré vaza, e que conduzia a água até uma baía pouco profunda repleta de conchas, algas e lodo.

Sasha esticou-se para espreitar. Ajoelhou-se com um braço em volta do pescoço de *Jazz*. O sol baixo encandeou-a, e curvou-se mais sobre a superfície, Tateando com as duas mãos o rochedo rugoso com as agulhas de pinheiro a espetarem-se-lhe nas palmas das mãos. Viu a superfície do mar agitar-se com pequenas ondas.

A avó estava a boiar ao ritmo das ondas, com a cabeça para baixo, como um brinquedo de plástico insuflável esquecido na água, com as roupas, mais escuras, ainda vestidas. Um raio baixo de sol incidia sobre o seu vulto e fazia a água brilhar. Estava envolta por um *bouquet* de alforrecas vermelhas. A avó chamava-lhes sempre medusas. O seu colete verde tinha o brasão da SAGA nas costas, um falcão pronto a voar com a divisa da família por baixo, e, vistas através da superfície conturbada da água, era como se as asas estendidas batessem.

2

Olav Falck atirou o roupão para um banco e atravessou, nu, o atracadouro. Estava invulgarmente frio para aquela altura do ano. As tábuas de madeira oscilaram sob o seu peso. A temperatura do ar era de -7 , a água estaria a 2, talvez 3 graus. O atracadouro situava-se numa baía rodeada por colinas baixas em forma de lâmina de machado, ao lado de uma casa de barcos pintada de vermelho. Como sempre, certificou-se de que não havia alforrecas nas proximidades. Depois, mergulhou.

Os vasos sanguíneos contraíram-se para proteger os órgãos vitais. Estendeu-se de costas e, com o pénis enrugado a flutuar à superfície da água, manteve-se nesta posição até controlar a respiração e conseguir olhar para o céu azul e límpido. Olav tomava banho no mar desde que se lembrava de ser gente, e muito antes de se ter tornado moda. Em recém-nascido, tivera de nadar para sobreviver, dizia ele. Era um facto conhecido que os bebés sustinham a respiração debaixo de água, mas era também uma história que se adequava bem à imagem que queria passar de si mesmo. Para Olav Falck, a vida era uma luta. E, é claro, mal nascera, tivera de lutar por ela.

A vida corria-lhe bem. Tinha setenta e cinco anos e ainda não dependia de nenhum medicamento. O cardiologista dissera-lhe claramente que não devia tomar banho em água fria sem supervisão.

Ele ignorava as recomendações do médico; se tivesse de morrer, que fosse na água.

Os banhos em água gelada eram o seu único vício. Alguns problemas apoquentavam-no, como, por exemplo, saber quem tomaria o seu lugar quando se reformasse. Mas, no cômputo geral, passava-se com o negócio familiar o mesmo que com o país onde moravam: já não se tratava de construir, mas de gerir o que fora criado.

Só algum tempo depois subiu as escadas e sentiu um ligeiro formigueiro quando o sangue recomeçou a correr pelos dedos das mãos

e dos pés, tal como o calor de um fogão a lenha se espalha por uma sala gelada no inverno.

No atracadouro, Olav desferiu ritmadamente alguns socos no ar. Gostava dos desportos clássicos. Quando havia jogos olímpicos ou mundiais de atletismo, era capaz de cancelar reuniões para acompanhar os eventos mais importantes. Gostava, acima de tudo, de boxe. Tinha dezanove anos quando, em 1959, Ingemar Johansson derrotara Floyd Patterson; acompanhara com muita atenção a época de ouro do boxe nas décadas de sessenta e setenta, e assistira ao vivo a combates pelo título em Las Vegas.

Poucas coisas o irritavam mais do que a proibição do boxe profissional e outras condescendências norueguesas. Sim, o desporto comportava talvez um certo risco, mas o que restava da vida quando se eliminava por completo todos os riscos? A vida era boa porque magoava. Sem dor não havia alegria.

Estugou o passo, atravessou o pequeno bosque gelado que separava a baía do jardim e prosseguiu pelo relvado em direção ao busto do pai, fundido numa liga de cobre e estanho e erigido num pedestal de granito bruto, concebido por um dos escultores mais famosos do país. Um brilho intenso iluminava a frente do busto, e no pedestal havia um epigrama: *Viver nos corações daqueles que deixamos para trás é não morrer. Thor S. Falck 3/11/1903-23/10/1940*. Embora tivesse perdido o pai quando era ainda apenas um recém-nascido e não tivesse qualquer recordação dele, Olav sentia-se edificado quando lia aquela frase.

Entrou pelo átrio com colunatas nas traseiras da torre da rosácea. Depois de tomar um duche com água a esquentar nos vestiários, subiu a escada em caracol da torre, trancou-se no escritório e deu uma vista de olhos à agenda. Não tinha compromissos naquele dia, o que era bom, porque assim podia redigir a palestra em que pensava há muito. Teria como ponto de partida o seu pai, e o título provisório era «Pioneiros da Luta da Resistência». Como diretor de uma grande companhia naval de Bergen, responsável por vários navios que navegavam ao longo da costa norueguesa, o «Grande Thor» tinha organizado várias ações de espionagem contra os alemães, nas quais ordenara a barcos de pesca que atravessassem o mar do Norte, trazendo a coberto, para o país, vários transmissores de rádio.

A palestra abordaria também a colocação de minas britânicas ao longo da costa norueguesa. Não deixava de ser um paradoxo que o seu pai tivesse perdido a vida à conta de uma mina submarina inglesa, e não por ação de armas alemãs.

Olav começara a formular algumas frases quando lhe bateram à porta.

— Sverre? — disse Olav. — O que fazes aqui?

O filho mais velho de Olav tinha trinta e muitos anos, e com o passar do tempo tornara-se cada vez mais difícil negar que a aparência de Sverre se começava a aproximar da do pai. Tal como ele, o filho era alto e atlético, e o seu rosto comprido e bronzeado, com os olhos estreitos e perscrutantes, era dominado por um nariz ligeiramente curvo, que a má-língua apodava de «bico de falcão».

Naquela ocasião, o filho deixara no roupeiro o seu habitual casaco de *tweed* conservador da Savile Row e vestira uma camisa preta suntuosa com um brocado floral. A habitual submissão no rosto do filho misturava-se, naquele momento, com laivos de alegria.

— Gostava de falar contigo sobre uma coisa — disse Sverre.

— Não quero que me entrem por aqui adentro, por favor. Estava a pensar em apreciar as vistas para o fiorde e a agenda vazia, e aproveitar a ocasião para escrever a palestra sobre o meu pai.

— Tem que ver com a expedição de mergulho ao navio naufragado, durante a conferência — acrescentou Sverre. — Quero apresentar-te uma pessoa.

Sverre era o gestor de projeto do «SAGA Arctic Challenge», que teria lugar mais no fim do ano. O filho fizera um bom trabalho com a conferência. Fretar um navio e nele acomodar vários pensadores internacionais com o objetivo de visitar o local do naufrágio ocorrido em 1940, passando por Lofoten e Vesterålen, representava tudo o que a Fundação SAGA pretendia concretizar. Tratava-se de uma empreitada genuinamente norueguesa, sem deixar de ser, em simultâneo, bastante atraente para estrangeiros.

— Ah — disse ele com um suspiro. — Nesse caso, podem entrar.

O companheiro de Sverre estava a usar um *blazer* de veludo cor de vinho, que ocupou quase por completo o campo de visão de Olav, tal qual uma toalha vermelha que lhe enrolassem à volta da cabeça.

— A festa de crianças em Stordalen vai ser mais cedo este ano? —
gracejou Olav.

Reconheceu, é claro, o outro homem. Olav não desprezava as pessoas que vinham do nada e que nos últimos anos tinham aparecido nas listas dos mais ricos do país — pelo contrário, pois, no fundo, gostava de ver como os outros se sentiam desconfortáveis com a sua falta de classe. E não havia ninguém mais vulgar do que Ralph Rafaelsen.

Olav pediu que lhes servissem café enquanto tentava interpretar o equilíbrio de poder entre o seu filho e Rafaelsen. Nos últimos anos, a comunicação social referira-se amiúde a Rafaelsen como uma pessoa empreendedora e temerária. Tinha amealhado uma enorme fortuna na agricultura na sua terra natal, e desde então começara a expandir as suas áreas de negócio.

— Então querem falar-me sobre os mergulhos aos destroços? — perguntou Olav, olhando ora para um, ora para outro. — És tu que tens o fato de mergulho?

O plano era o seguinte: quando o navio chegasse ao local do naufrágio, um mergulhador desceria até aos destroços, localizados a trezentos metros de profundidade, com um fato concebido especialmente para a ocasião, enquanto a sessão era transmitida em direto para os participantes na conferência.

— Isso mesmo. — Rafaelsen encarou-o sem desviar o olhar. — Embora chamar-lhe fato de mergulho seja como comparar um avião de transporte comercial de passageiros a um vaivém espacial.

— Ou como publicitar o teu peixe como «salmão do Atlântico»? — retorquiu Olav. — Os teus bichinhos têm tanto em comum com o orgulhoso salmão do Atlântico quanto um *poodle* tem com um lobo.

Rafaelsen soltou uma risada.

— O exofato é uma verdadeira revolução. É um fato atmosférico, por isso, evitamos os problemas de despressurização que ocorrem ao mergulhar a grandes profundidades. Não há enjoo. O piloto... porque se trata, no fundo, de um submarino para uma pessoa... escapa à pressão. Só há um destes em toda a Noruega, e é o meu. A conferência só tem a ganhar em usá-lo.

Em seguida, Rafaelsen falou sobre as características técnicas daquela maravilha, mas Olav não o escutou com particular atenção.

Era um generalista. Não entendia, de todo, a obsessão maníaca com pormenores dos *nerds*.

Para sua grande irritação, Sverre, que decerto era dez anos mais velho do que o outro homem, parecia um laçao de Rafaelsen, porque se ria das piadas do homem do Norte e acenava entusiasticamente a tudo o que ele dizia.

Os problemas com Sverre eram o motivo principal para Olav continuar, aos setenta e cinco anos, como diretor do grupo SAGA, uma empresa cujo capital estava avaliado em doze mil milhões de coroas norueguesas. Embora o fluxo monetário da família proviesse dos rendimentos da companhia de mediação mobiliária e da gestão de capitais, Olav desprezava os mercantilistas, os merceeiros e os pequenos comerciantes. Tentava, ao invés, falar sempre sobre a Fundação SAGA, da qual era diretor. O dinheiro tinha de entrar, sim, mas a máxima da SAGA era outra. A SAGA deveria contar a história do país. Alguns tinham milhares de milhões nas contas bancárias, outros tinham capital cultural. Apenas a SAGA tinha ambos.

No entanto, Olav dificilmente teria permanecido como diretor muito para lá da idade da reforma se a SAGA se dedicasse apenas a conferências e à entrega de prémios, como a maioria das fundações sem fins lucrativos deste género. As companhias da família estavam, desde os primeiros anos do pós-guerra, interligadas aos serviços secretos do país, primeiro como parte da força antiocupação e anticomunista Stay Behind, e desde então como... não, é uma história demasiado longa e complicada. Esses serviços não lhe traziam dinheiro nem reconhecimento público. Podiam, pelo contrário, ameaçar os seus outros negócios. Mas esta atividade dava a Olav algo mais importante — a sensação de ser relevante. E, antes de poder sequer pensar em reformar-se, tinha de designar o seu eventual sucessor, que, segundo os estatutos da empresa, teria de ser um dos seus filhos, o que tornava o caso bastante complexo.

Tinha, portanto, bons motivos para continuar a comandar o conglomerado de empresas.

— Soa bem. — Olav interrompeu o visitante a meio de um argumento acerca da câmara subaquática especialmente concebida para a missão. — Estamos combinados, então. É para avançar nesses moldes.

— Queríamos falar de mais uma coisa — disse Sverre, que parecia estar a tentar a sua sorte.

— Tenho tempo, sou todo ouvidos — disse, com um sorriso, Olav.

— Como talvez saibas — prosseguiu Sverre, e Olav apercebeu-se da sua hesitação —, muitas pessoas importantes inscreveram-se na conferência. Todos aceitaram o convite, todos querem ir a Lofoten. Ainda exercemos poder de atração. Alguns têm milhares de milhões na conta bancária, outros têm capital cultural...

— Vai direto ao assunto — pediu Olav.

— Acabaram de me confirmar que a família real saudita se fará representar — disse Sverre —, e é até possível que o príncipe herdeiro em pessoa apareça no seu jato privado.

— Bodø tem a pista de aviação mais comprida do país — acrescentou Rafaelsen. — Um *U2* aterrou lá em 1960, por isso, um avião privado não deve ter problemas em fazê-lo.

O filho olhou para o companheiro.

— Eu e o Ralph falámos um pouco sobre a possibilidade de oferecer um pequeno extra ao VIP mais novos. O Ralph tem bons contactos nos esquadrões de helicópteros e pode requisitar alguns aparelhos. Aterramos no navio de tarde, levamos as pessoas a Lofoten e à propriedade do Ralph em Vesterålen, e de volta ao navio na manhã seguinte.

— Vai ser um «miminho para adoçar a boca», se é que posso falar assim — disse Rafaelsen.

A família real saudita... helicópteros militares requisitados para fins particulares... a propriedade de Rafaelsen... as palavras misturaram-se na cabeça de Olav como os pesadelos que por vezes o atormentavam quando era criança.

Permaneceu por muito tempo de cabeça baixa antes de abrir a boca.

— Posso dizer uma coisa?

— É por isso que aqui estamos — disse Sverre.

Olav pigarreou.

— Da última vez que estive no Hotel Dorchester, em Londres, falei, por acaso, com o porteiro. Perguntou-me se eu não ia reservar a *suite*, como era costume dos *The Falcks*. — Quando pronunciou o nome do hotel, reparou que o filho mordia o lábio inferior, como se já anteviesse o que se seguiria. Olav sorriu antes de prosseguir: — «Oh», disse eu ao

porteiro, «eu cá prefiro os quartos normais, desde que as vistas sejam boas, embora seja»... — Fez uma pausa, como se procurasse as palavras certas. — ... «rico.» «Mas o seu filho fica sempre alojado na *suite*», disse-me o porteiro. «Sim», respondi, «mas ele é *filho* de um homem rico.»

Fitou longamente o filho, que estava então boquiaberto e com um ar envergonhado. Ralph Rafaelsen soltou uma gargalhada cautelosa.

— A Noruega é um bom país para se enriquecer e se viver como rico. A maioria dos noruegueses não tem nada contra pessoas com dinheiro, pelo contrário: os noruegueses admiram quem tem coragem e dá mostras de empreendedorismo. As nossas leis também protegem bastante bem os nossos interesses. Mas é um equilíbrio frágil. Tal como admiramos o empenho e o trabalho, odiamos a decadência e o exibicionismo. Praticamente não tivemos nobreza, que deixou como que de existir com a lei nobiliárquica de 1921, quando foram eliminados os títulos e os privilégios da classe. Para se gerir riqueza na Noruega, pelo menos se se ambicionar mais do que se ser apenas um investidor financeiro, e se se quiser ser um construtor de comunidades, *não* se pode lutar contra os sindicatos e contratar polacos mal pagos para trabalharem nas obras.

Olav olhou para Ralph, que parecia um menino de escola apanhado a roubar na loja de doces. Muito se tinha escrito sobre as condições de trabalho durante a construção da sua mansão em Vesterålen.

— Gerir devidamente riqueza na Noruega implica compreender o modelo norueguês — disse Olav. — Há que compreender o trabalho de cooperação entre as três partes da sociedade e as vantagens da estrutura salarial compactada, e implica também apanhar umas bebedeiras com empregadas de loja e diretores da central sindical. Porque esse é que é o verdadeiro modelo norueguês. Certificamo-nos de que as pessoas comuns e honradas têm uma vida boa; damos-lhes salários para que possam viajar para o Sul e comprar um carro novo e pedir um empréstimo para terem casa própria. Em troca, temos um povo que nos respeita, que não vota a favor de revolucionários nem pilha as nossas propriedades. E tudo o que vocês me contaram acerca das vossas ideias para a viagem no navio fretado, e acerca dos malditos sauditas, sobre os helicópteros e as brincadeiras na tua propriedade constituem uma quebra deste compromisso.

— Não podes explicar ao teu pai que... — disse Rafaelsen.

Alguém bateu à porta, interrompendo-o.

— Estou ocupado — avisou Olav.

No entanto, a secretária enfiou a cabeça pela porta.

— Ouves mal? — perguntou ele, irritado.

— Lamento imenso, mas é importante.

— Espero bem que seja.

Olav estava prestes a agarrar na chávena de café, mas o olhar que a secretária lhe lançou quando entrou no escritório — com os olhos arregalados, mas, ao mesmo tempo, uma expressão apagada — fê-lo deter-se.

— A reunião acabou — disse ele a Sverre e Rafaelsen, que olharam, confusos, um para o outro perante a interrupção repentina, antes de se levantarem para se irem embora.

— De que se trata? — perguntou Olav quando ficou a sós com a secretária. Mas, no fundo, já sabia a resposta.

Centro de Interrogação Americano, Localização Desconhecida, Algures no Médio Oriente

Quando dois guardas o conduziram a uma sala iluminada, Johnny Berg lembrou-se do que o seu mentor, o velho agente que respondia pelas iniciais HK, lhe dissera uma vez: «A tortura não é acima de tudo a dor, mas sim a expectativa do que comporta.»

Não fazia ideia de onde estava. As semanas, os meses decorridos desde que a milícia curda o capturara eram como que a névoa que obstrui a visão numa montanha durante uma tempestade de neve, quando não se sabe onde o chão termina e o céu começa, e na qual os minutos são como horas, e vice-versa.

Tinham-no transportado sucessivamente de um campo de prisioneiros para outro até se encontrar sob custódia dos americanos.

Os guardas tiraram-lhe o passa-montanhas antes de o empurrarem para dentro da sala, pretendendo que ele pudesse ver o que o esperava. A lâmpada tubular fluorescente no teto feriu-lhe os olhos. Os altifalantes emitiam *hard rock* aos berros.

No meio da sala estava um banco ligeiramente inclinado com presilhas de couro de ambos os lados, um gorro preto de lã e uma toalha muito bem dobrada. A alguns metros dele estavam dois homens com passa-montanhas, casacos cinzentos e botas militares com padrão de camuflagem. Havia também dois jerricãs de água junto à parede.

A música parou.

Não, pensou Johnny enquanto o seu coração batia loucamente, digam-me que isto é apenas um exercício, um sonho, o que quer que seja, só quero fugir daqui, isto é pior do que a morte.

— Yahya Sayyid al-Jabal? — perguntou um dos homens com um sotaque americano muito pronunciado. — É esse o teu nome?

Johnny não respondeu.

— Fiz-te uma pergunta — perguntou o homem num tom mais alto.

— *No, sir* — respondeu Johnny —, chamo-me John Omar Berg.

— Nacionalidade?

— Norueguesa.

— OK — disse o homem a coberto do passa-montanhas, ainda sem sinais de agressividade na voz —, temos algumas perguntas a fazer-te, e precisamos de respostas.

O outro homem, cujo rosto também estava encoberto, mas que era mais entroncado, tomou a palavra. Interpelou-o num tom banal, como se estivesse a falar na reparação de uma máquina de lavar a roupa, mas com o sotaque cantado típico das pessoas dos estados do Sul.

— Temos duas maneiras de fazer isto. Vais preferir a primeira.

Johnny fitou a parede de cimento cinzenta e enrugada.

— Entraste no Iraque e na Síria com o nome Al-Jabal — disse o sujeito mais entroncado. — Segundo os registos das autoridades autónomas curdas, passaste a fronteira em Arbil a 12 de setembro do ano passado. Mas agora dizes que Al-Jabal não é o teu nome verdadeiro?

Johnny fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e cobriu o rosto com a mão aberta.

— Não posso entrar em pormenores sobre a missão — disse ele.

— Mas podem confirmá-lo com os meus superiores.

Os americanos continuaram a pressioná-lo.

— O que vieste cá fazer?

De que lhe valia, ali, o seu dever de confidencialidade? De nada.

— Eu vim... hum... eliminar um combatente norueguês.

— Como é que ele se chama?

— Abu Fellah. As autoridades norueguesas podem confirmar o que vos estou a dizer.

No último ano, muitos muçulmanos do Ocidente tinham ido para a região de modo a fundarem o recém-proclamado «califado». Os alarmes tinham soado em todos os serviços de segurança ocidentais. O receio dos países ocidentais era que estes sujeitos com experiência de guerra decidissem regressar aos seus países de origem.

O americano abanou lentamente a cabeça, e a sua expressão facial tornou-se ligeiramente aparente sob o passa-montanhas.

— Já fizemos as nossas pesquisas. Nem a Noruega nem nenhum outro país aliado confirma a tua história. Uma história muito original.

Johnny sentiu um nó na garganta, como se não conseguisse respirar. Tudo tem um fim, incluindo a sorte que o mantivera vivo. Durante dez anos, trabalhara para os serviços secretos nos sítios mais perigosos do mundo: no Afeganistão, na Líbia e no Iraque. Tivera sorte muitas vezes. As coisas quase lhe tinham corrido mal em diversas ocasiões, mas *Deus é norueguês*, não era o que costumavam dizer?

Só balelas.

— Volto a perguntar — insistiu o interrogador. — O que vieste cá fazer?

Após todos aqueles anos de serviço, perdera o ímpeto e as ilusões. O Médio Oriente era um caso perdido, fosse como fosse, quer o Ocidente interviesse, quer não. Os esforços de nada valiam, isto quando não pioravam a situação.

Há quase um ano, fora contactado por um membro do Exército, que lhe propusera realizar uma missão fora dos canais oficiais. Uma missão da maior relevância nacional, para a qual não existia suficiente vontade política na pacífica nação norueguesa. A missão consistia em viajar até ao Curdistão, recolher uma arma americana comprada no bazar de armas da capital, entrar em contacto com um antigo soldado das forças especiais americanas que lutava contra o ISIS e dirigir-se até à terra de ninguém que formava a linha da frente para alcançar a aldeia controlada pelo ISIS onde residia o norueguês Fella. Ninguém lhe mencionara que viajaria sem a bênção da nação.

De repente, vieram-lhe à cabeça recordações de tudo o que acontecera e começou a suar e a ter palpitações. A casa baixa, verde se analisada com os binóculos de visão noturna. As divisões frias, os tapetes empoeirados, os disparos com silenciadores, o olhar fugaz na direcção do menino que se encontrava no corredor.

Não, Johnny não conseguia enfrentar aquela imagem, e esforçou-se por afastar as recordações.

Tinham-nos avistado pouco antes de alcançarem a erva alta que crescia na terra de ninguém. Executaram a missão com sucesso, mas

o americano fora abatido a tiro. Johnny fugira, mas a milícia curda aprisionara-o quando regressava ao lado curdo. Era impossível saber o que acontecera de facto, mas presumia que o ISIS espalhara rumores sobre o desaparecimento de um dos seus membros. Assim se tinham vingado pelo que ele lhes fizera, e por ter escapado com vida. Era do conhecimento geral que, na frente de combate, as partes beligerantes escutavam as comunicações uma da outra.

Os curdos tinham-no transferido para um campo de internamento para terroristas antes de os americanos tomarem conta da situação. Era por isso que estava ali, numa sala sem janelas, num sítio onde ninguém acreditava na sua história.

Apercebeu-se de quão desesperada era a sua situação. A sua missão não tinha carácter oficial, não estava registada, e quem poderia eventualmente explicar a situação do lado norueguês não o fizera. E, para piorar a situação, ele era um norueguês com cabelo preto, pele castanho-dourada e raízes árabes, que comprovadamente perdera a confiança nos esforços de guerra ocidentais.

As autoridades norueguesas podiam dar-lhe medalhas pela sua coragem. Os generais, os ministros e os membros da família real podiam dar-lhe apertos de mão. No fundo, sabia que, a seus olhos, seria sempre um estranho. Todos os noruegueses de pele castanha o sabiam. Quando se era corajoso em batalha ou se jogava bem na seleção nacional, era-se cem por cento norueguês. Mas quando as coisas corriam mal, não se era mais do que um miserável marroquino, o preto, o latino, o muçulmano, o estrangeiro, o rapaz de catorze anos que tivera de fugir dos nazis e se escondera numa sebe, a ranger os dentes. Os noruegueses adoravam os estrangeiros sorridentes que esquiavam no inverno, saltavam fogueiras no feriado nacional de 17 de maio e comiam costeletas na noite de consoada, mas também gostavam de ver os seus preconceitos confirmados: *Devíamos saber que ele não era de confiança.*

Ele era o bode expiatório perfeito.

Os americanos puseram-lhe um gorro preto e justo na cabeça e deitaram-no no banco inclinado. Posicionaram-no de costas e esticaram uma das presilhas sobre as três cicatrizes diagonais que tinha no peito, para que não se mexesse.

À exceção do som da água em movimento nos jerricás que levantaram do chão, tudo estava em silêncio. Tudo estava negro. Sentiu a água morna escorrer-lhe pela cara, ao longo do carapuço preto, até lhe encher lentamente as narinas.

Susteve a respiração, susteve-a tanto tempo que os seus pulmões começaram a gritar e as suas vísceras se contorceram de dor. Por fim, tudo escureceu.

Pensou em Ingrid. Desde que se tornara pai, sonhar com a filha mantinha-o vivo nos piores momentos. Por vezes, ela estava tão próxima dele que lhe podia tocar no cabelo escuro, que lhe dava pelos ombros. Ela sentava-se ao lado dele entre os prisioneiros vestidos de laranja, na borda da cama metálica, e baloiçava as suas pequenas pernas, com crostas nos joelhos e as unhas cheias de terra, ou punha as suas bonecas contra a parede da cela enquanto as admoestava. Estava muito perto dele quando saltitava com os seus passos ligeiros de criança até ao lavatório, para aí lavar os dentes com a pasta cor-de-rosa, até desaparecer, como uma miragem desaparece de repente numa comprida estrada no deserto. Ela era o sangue dele, tinha as suas feições, a mistura do que era norueguês com algo estranho cuja origem ele não conhecia.

O instinto humano de não inspirar água é tão forte que se sobrepõe ao medo de se ficar sem oxigénio.

Quando, por fim, desistiu, não sabia se a inspirava ou a expirava, apenas que as vias respiratórias se tinham enchido de água e que ele se via a afogar, e que estava tão perdido quanto um homem aprisionado dentro de um navio a afundar-se. O instinto que o impedia de respirar debaixo de água era também tão forte que o poderia levar a dizer o que quer que fosse, qualquer coisa, para não ter de o fazer.

Ninguém tinha forças para resistir àquilo.

Quem era o responsável por estar ali estendido? Podia-se-lhe assacar a culpa de a missão ter corrido mal, mas o facto de os seus superiores não terem mexido um dedo para o salvar era imperdoável. Se alguma vez descobrisse os responsáveis, dedicaria o resto da sua vida a garantir que lhes aconteceria o mesmo, que seriam obrigados a deitar-se num banco de madeira numa cave escura com água a obstruir-lhes as vias respiratórias.

— Eu... eu...

Os dois homens fizeram-no sentar-se. Johnny respirou fundo e gemeu de terror e dor.

— Chamo-me John Omar Berg e trabalhei como fuzileiro e agente dos serviços secretos. Com... o nome... Yahya al-Jabal... viajei para me juntar ao Estado Islâmico.

— Ótimo. Devolve-o aos curdos — disse o americano.

UMA SAGA EMOCIONANTE SOBRE UMA PODEROSA FAMÍLIA COM UM SEGREDO TRÁGICO QUE REMONTA AO INÍCIO DA 2.ª GUERRA MUNDIAL

No outono de 1940, um navio com civis noruegueses e soldados alemães a bordo naufraga ao largo da costa da Noruega ao embater numa mina. A jovem Vera Lind e o seu filho recém-nascido sobrevivem, mas o seu marido, o armador Thor Falck, e centenas de outras pessoas morrem.

Setenta e cinco anos depois, Vera suicida-se. No funeral, Sasha, a neta incumbida do discurso de despedida, é abordada pela antiga editora da avó, que lhe fala de um manuscrito confiscado pelos serviços secretos noruegueses em 1970 escrito por Vera: *O Cemitério do Mar*. É-lhe também entregue uma nota de suicídio em que a avó pede a Sasha que descubra o que aconteceu no trágico naufrágio.

Com a ajuda de um jornalista, antigo agente dos serviços secretos noruegueses, Sasha irá mergulhar no passado labiríntico da família para descobrir uma verdade chocante que se encontra a trezentos metros de profundidade no mar.

«Uma história fascinante em torno dos segredos de uma grande família norueguesa. A força narrativa e a energia emanada fazem deste livro um exemplo perfeito do que pode ser um *bestseller* que não opta pelo caminho mais fácil.»

Livres Hebdo



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871733



9 789897 871733 >